

# Jung e o Desenvolvimento Psíquico da Criança de 0 a 12 anos

## **Introdução**

O presente artigo busca descrever o processo de desenvolvimento da personalidade da criança de 0 a 12 anos. Os princípios básicos aos quais foram usados como sustentação teórica foi a Psicologia Analítica. O artigo descreve passo a passo, desde o nascimento, onde a criança se encontra totalmente imersa no inconsciente e vai gradualmente adquirindo consciência de si até completar 12 anos, quando se espera que ela já tenha um ego estruturado e noção do mundo que a cerca. A bem sucedida estruturação da psique é de essencial importância para as etapas seguintes de desenvolvimento do homem, pois nessa personalidade já estruturada aonde o indivíduo irá se apoiar durante toda sua vida. A compreensão desses princípios psíquicos e das etapas pelas quais a criança passa são de grande ajuda para professores, educadores e para os pais, que podem se relacionar de maneira mais consciente e assertiva, em relação à vida psíquica dos filhos.

## **Os primeiros anos da infância**

Quando a criança nasce não existe nenhum tipo de consciência. Ela traz consigo gravado em seu código genético a possibilidade de realização de sua natureza como membro de sua espécie. A criança vem ao mundo com o cérebro diferenciado, predeterminado pela hereditariedade, portanto, individualizado, ela responde aos estímulos sensoriais externos, não como quaisquer predisposições específicas, que condicionam uma seletividade e organização da percepção que lhe são próprias (individuais). Do período da infância até o término da puberdade é que ocorre o maior e mais intenso desenvolvimento da consciência. O ego consciente não existe num primeiro momento, o que existem são os instintos e o inconsciente coletivo (tendência universal a formar certas imagens, mas não as próprias imagens). Além do inconsciente coletivo que contém a herança de toda humanidade, portanto comum a todos, a criança traz também uma estrutura individual inata da psique, que será a responsável por sua individualidade. A

individualidade surgirá a partir de uma imagem coletiva. A alma infantil, antes da consciência do “eu”, de modo algum se acha vazia ou sem conteúdo, isso pode ser comprovado facilmente nos sonhos em crianças de 3 ou 4 anos, alguns sonhos são mitológicos. A alma coletiva está muito próxima da criança pequena. Trata-se dos últimos vestígios da alma coletiva em desaparecimento que, ao sonhar repete eternos conteúdos primordiais da alma da humanidade.

Durante os 2 ou 3 primeiros anos de vida a criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito da psique dos pais, do qual só mais tarde poderá se libertar ou não. A criança vive em estado indiferenciado por sua falta de consciência. Ainda não existe um Eu claramente diferenciado do resto das coisas do mundo, tudo que pertence a ela pertence a qualquer outro.

Quando a criança começa a dizer “eu” entre 3 e 5 anos de idade, ou antes, podemos dizer que já existe uma psique individual. Aos 6 anos já na escola, ela é apenas um produto dos pais com uma consciência do “eu” em estado embrionário. O modo de expressão dela é muito menos uma expressão de seu interior do que reflexo da influência dos complexos dos pais. Esta é uma expressão da identidade coletiva, da qual apenas lentamente vai se libertando a consciência individual. Por isso, a escola ser o primeiro ambiente que encontra fora da família, nessa fase começa a estruturação de seu ego e de adaptação ao mundo exterior.

A dependência da vida psíquica dos pais é muito importante e normal no processo natural de crescimento da mente infantil. O desenvolvimento da consciência e cada passo representam uma conquista repleta de embates dolorosos e esforço. É bastante comum, algumas crianças nesta fase começar a sentir-se muito diferente das outras, e este sentimento de singularidade pode acarretar certa tristeza. As imperfeições do mundo e a maldade tornam-se problemas conscientes.

### **O que são os pais para uma criança?**

Jung escreve em sua autobiografia “Memórias, sonhos, reflexões” um capítulo sobre as primeiras lembranças de sua infância. O relato a seguir se refere a uma

recordação de Jung aos 3 anos de idade: *“Eu sofria, segundo minha mãe me contou mais tarde, de um eczema generalizado. Obscuras alusões a dificuldades da vida conjugal de meus pais pairavam em torno de mim. Pode ser que minha doença se relacionasse com a separação momentânea de meus pais (1878). Minha mãe permanecera então, durante vários meses, no hospital da Basileia e é presumível que tivesse adoecido em consequência de sua decepção matrimonial. Nessa época, uma tia, aproximadamente vinte anos mais velha do que minha mãe, cuidava de mim. A longa ausência de minha mãe me preocupava intensamente. A partir desse momento a palavra amor sempre me suscitava a desconfiança. O sentimento que associei com a palavra feminino foi durante muito tempo a desconfiança. Pai significava para mim integridade de caráter e...fraqueza. Tal é handicap com que comecei. Mais tarde esta impressão inicial foi reconsiderada. Acreditei ter amigos e fui decepcionado por eles: quanto às mulheres, embora desconfiasse delas, nunca fui por elas decepcionado.”*

No relato de Jung podemos ver como atua psiquicamente sobre a criança os fatos que acontecem com seus pais.

Segundo a psicologia analítica, existe um fato inegável, da identificação do estado psíquico da criança com o inconsciente dos pais. Jung se baseou no conceito de ‘identidade’ o qual LÉVY-BRHUL, estudioso dos povos primitivos, usou o termo “participation mystique” (participação mística). Esta identidade provém do estado de inconsciência que se encontra a criança, isso acontece com o homem primitivo também, pelo fato dele ser carente de consciência assim como a criança. Esta falta de um “eu” diferenciado das coisas e das pessoas faz com que sejam afetados por tudo e todos os quais estejam envolvidos. Essa expressão escolhida por Jung ocorre para indicar todos os casos em que o sujeito não consegue distinguir-se claramente do objeto, mas com ele está vinculado psicologicamente.

Este ego infantil em estado de indiferenciação psíquica está aberto de maneira desprotegida para todo contágio do estado inconsciente dos pais. Jung ressalta que essa é uma verdade alarmante para os pais e mães.

“Neste sentido o que importa não são as palavras boas e sábias, mas tão-somente o agir e a vida real dos pais.” (JUNG, vol. XVII §80).

Como então se poderá proteger as crianças? Essa proteção é relativa, o mundo é visto primeiramente através da mãe, do pai e não tem como o filho deixar de se relacionar com os *complexos parentais*, a *imago paterna* e *materna*. A criança tem uma psique imensamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo na esfera da psique dos pais, do qual um tanto mais tarde consegue alguma liberdade. Portanto, dificuldades no relacionamento dos pais entre si se refletem necessariamente na psique da criança, podendo produzir nela muitas perturbações somáticas e psíquicas.

### **O arquétipo materno**

A primeira pessoa que a criança se relaciona é com a mãe e, a partir daí, constitui-se o complexo materno. No começo da vida a criança acha-se envolta por esse “vaso” que foi citado acima como a relação primal, mãe- filho. A mãe representa o mundo, o conforto, a saciedade, segurança, calor, proteção. A mãe biológica ou quem fizer esse papel é o ser que proverá a criança na sua existência. A disponibilidade ou indisponibilidade da mãe para exercer esse papel é de importância crucial para a formação do ego da criança. Nessa primeira fase da infância a criança se encontra inconsciente, e todas as suas experiências estão diretamente conectadas com sua experiência corporal de paz/saciedade ou de desconforto/ perturbação.

A primeira fase do desenvolvimento da criança está dominada pelo instinto de autopreservação, pela nutrição, pelo processo vital. O leite materno é muitíssimo mais que apenas alimento concreto. A mãe verdadeira ou quem faça esse papel afetivo de alimentar, proteger, conter, aquecer a criança, que se liga afetivamente a ela, alimenta o corpo e o psiquismo.

“Uma mãe com seu filho não evoca a imagem de uma mulher individual com seu filho individual, mas de um arquétipo comum a toda humanidade” (Neumann, 20, 1980)

É tão grande importância esse relacionamento entre mãe e filho que a perda da mãe ou da pessoa que a substitui é sentida menos na esfera corporal do que na psíquica. Manifesta-se também como perda de contato com o mundo, lesões no automorfismo e no instinto de autopreservação e destruição dos primeiros ensaios de desenvolvimento do um ego.

Caso a criança perca a mãe, ela perde a fonte de alimentos, mas isso pode ser substituído, o que pode provocar distúrbios emocionais como apatia, idiotia ou até mesmo a morte é a perda de quem desempenhe esse papel afetivo da mesma forma que a mãe. Portanto, distúrbios na vida da mãe, como doenças físicas ou psíquicas provocam desvios e podem prejudicar ou bloquear o desenvolvimento da criança.

O arquétipo materno é a base do complexo materno. A mãe física constela a imagem arquetípica da mãe na psique da criança. É essa imagem arquetípica que foi evocada que promove a complexa interação entre mãe e filho. A mãe real evoca a mãe arquetípica na psique da criança e como representação arquetípica ela é carregada de sentidos positivos (nutridores e favoráveis) e negativos (nefastos e destruidores). A imago da mãe tem um significado muito pessoal, cada criança tem a “sua mãe”. Existe a mãe real e a mãe pessoal. Essa experiência de vida com a mãe real é imprescindível para a criança criar essas imagens, projeções e fantasias. Essas representações arquetípicas e inconscientes da mãe, que predefinem o relacionamento entre a mãe e a criança. O bebê tem que harmonizar com sua mãe, conciliando percepções contraditórias dela, para poder relacionar-se com ela. O modo como esse complexo se estrutura, nesse momento, definirá as diferentes formas de lidar com o feminino, tanto nos meninos, como nas meninas, em seus aspectos negativos e positivos.

### **A Formação do Eu e o Processo de individuação**

Quando falamos da formação do “eu” estamos nos referindo ao processo de formação do ego. O ego que é o sujeito do consciente não existe num primeiro momento, a criança nasce imersa no inconsciente coletivo (tendência universal a formar certas imagens, mas não as próprias imagens) e gradualmente vai

consolidando o ego e desenvolvendo a consciência. É na primeira infância, que compreende a idade de 0 a 6 anos que ocorre o desenvolvimento do ego. Nos primeiros meses de vida a criança se encontra na relação primal mãe-filho, e já nessa fase inicial o ego começa a se desenvolver. Entre 0 e 2 anos vive em estado inconsciente fundida com as condições do meio ambiente, a psique da criança se encontra em grande dependência da psique materna, e posteriormente da paterna.

Para designar este estado inicial pré-ego foi escolhido o símbolo do uroboros, a serpente que morde a própria cauda, caracterizando a unidade sem opostos dessa realidade psíquica. Nesse momento inicial não existe uma criança com uma personalidade delimitada de forma a conseguir interagir com o meio ambiente. Este estado urobórico é uma continuidade do estado embrionário intrauterino que se preserva mesmo após o nascimento. Nessa fase pós-uterina, nesse estado urobórico que a criança vive na “*participação mística*” total com a mãe. Em termos mitológicos, o ego se encontra contido no uroboros, que funciona como um vaso, dando contenção física e psicológica para a criança, representando para ela o mundo. Com o nascimento do corpo, em parte a ligação da criança com a mãe é rompida, temos o nascimento biológico, mas o nascimento psicológico acontece mais tarde, ao longo dessa relação primal, cujo processo se completa normalmente por volta do primeiro ano de vida. Apesar do corpo da criança já ter nascido ela continua contida em sua mãe. A criança vai emergir é dessa unidade com a mãe para transformar-se num sujeito com sua particularidade pessoal.



Desenho de Gabriel Rollenhagen (1583-1619)

Do período da infância até o término da puberdade é quando ocorre um desenvolvimento intenso da consciência.

O arquétipo do Eu é um arquétipo estruturante da psique que possibilitará a criança se tornar um ser individual. Usando em sua base o arquétipo do “eu”, o complexo do Eu começa a ser formado pelas representações pessoais, então se instaura o inconsciente pessoal que ordenará a individualidade do bebê/ criança e sua entidade individual.

Por volta de oito ou nove anos, a criança se liberta dos laços emocionais com o ambiente familiar. A libido que tinha estado atada aos pais sofre uma desconexão e se move para um estado de introversão, vai para o inconsciente onde será organizada para a próxima etapa.

Até os 12 anos, o inconsciente pessoal já está formado, durante este período os principais complexos e seus arquétipos mais importantes estarão ativados, o seu ego e sua noção de mundo também já estarão estabelecidos. Estas primeiras relações tendem a se repetir através de projeções em outros relacionamentos como por exemplo: relação com o pai tende a repetir com professores, chefes e com a mãe na esposa, com os filhos. O que foi constituído até essa idade será aonde o adulto vai se apoiar durante sua vida.

## Bibliografia

JUNG, C. G.: Obras completas de C. G. Jung Volume VIII/2. A natureza da Psique: São Paulo, Vozes 1971.

JUNG, C.G.: Obras completas de C. G. Jung Volume XVII. O Desenvolvimento da Personalidade: São Paulo, Vozes, 1972.

JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C. G.: Children's Dreams: Princeton University Press, 2008

NEUMANN, E.: A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o início de sua Formação: São Paulo, Cultrix, 1995.